

OS DESAFIOS DA ATENÇÃO E DO RESPEITO COLETIVO NO ENSINO DA ARTE: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA EM FORMAÇÃO¹

Victor Junger²

Julia Santana de Carvalho³

Daniela da Costa Silva⁴

Joyce da Costa Santos⁵

No intuito de apresentar nossas experiências no subprojeto PIBID/Artes Visuais, procuramos com o presente relato compartilhá-las em duas partes: primeiramente, com a descrição das escolas em que tivemos participação nos últimos meses; e, em seguida, com a descrição das atividades realizadas com acompanhamento da professora supervisora e observação participativa do seu trabalho. Por fim, apresentaremos uma breve reflexão do que pudemos aprender com a professora supervisora, os colegas bolsistas e os coordenadores de área. Esperamos, com tal apresentação, expor de forma breve e consistente os principais aspectos de nossa experiência de formação.

O Colégio Estadual Paulo de Frontin foi fundado no ano de 1919 sob a nomenclatura Escola Profissional Paulo de Frontin e, com o passar dos anos, veio a ser conhecido pelo nome atual atendendo o público em geral. Atualmente, a escola faz parte da Rede Estadual de Ensino e é responsável pelo atendimento de estudantes da etapa do Ensino Médio, nos turnos da manhã, tarde e noite. O corpo docente se organiza para o cumprimento curricular desta etapa do ensino, em atenção às orientações do Conselho Estadual de Educação. O corpo discente atendido é constituído em grande parte por alunos moradores das imediações do Colégio, majoritariamente negros e de classes populares. O Colégio possui quadra, auditório,

¹O presente trabalho é fruto de pesquisa realizada no contexto do subprojeto PIBID/Artes Visuais, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Professor Adjunto do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular, Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orientador das pesquisas vinculadas ao subprojeto PIBID/Artes Visuais. E-mail: victorjunger@gmail.com

³ Licenciando em Artes Visuais, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista do subprojeto PIBID/Artes Visuais. E-mail: juliasantana2308@gmail.com

⁴ Licenciando em Artes Visuais, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista do subprojeto PIBID/Artes Visuais. E-mail: daniela.costauerj@gmail.com

⁵ Licenciando em Artes Visuais, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista do subprojeto PIBID/Artes Visuais.

sala de vídeo e biblioteca recém-reformados, além das salas de aulas, sala de professores, pátio e refeitório. Os recursos didáticos são compostos por livros didáticos, materiais pedagógicos produzidos pelos professores, televisão, quadro, etc.

As turmas acompanhadas no Colégio correspondem ao segundo ano do Ensino Médio, com meninos e meninas na faixa etária dos quinze e dezesseis anos, majoritariamente negros e pertencendo às classes populares.

A Escola Municipal Conde de Agrolongo foi fundada em 1939 no bairro da Penha, a partir da herança deixada por um rico comerciante da região. A escola faz parte da Rede Municipal de Ensino, sendo responsável pela etapa dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O corpo docente se organiza para o cumprimento curricular desta etapa do ensino, em atenção também às orientações do Conselho Municipal de Educação e à legislação em vigor. O corpo discente atendido é constituído em grande parte por alunos moradores das imediações da escola, majoritariamente negros e de classes populares. A escola possui quadra, auditório, sala de vídeo, sala de recursos e biblioteca, além das salas de aulas, sala de professores, pátio e refeitório. Os recursos didáticos são compostos por livros didáticos, materiais pedagógicos produzidos pelos professores, televisão, quadro, etc.

As turmas acompanhadas na escola compreendem ao primeiro, segundo, terceiro e sexto ano do Ensino Fundamental, com meninos e meninas na faixa etária dos seis aos doze anos, e compreendem também as turmas do segundo ano do Ensino Médio, em ambas as escolas majoritariamente negros e pertencendo às classes populares.

Nesse sentido, observamos episódios em que a participação dos estudantes se destacavam em função das suas dificuldades e dos seus limites, a recusa em cumprir as propostas curriculares ou o conflito quando se trata do compartilhamento de tarefas em grupo, evidenciando com isso demandas que não se restringem ao trabalho pedagógico de sala de aula, como parecem estar articuladas a questões de saúde física e mental. Isto é, os conflitos que gostaríamos de compartilhar aqui dizem respeito a suspeitas sobre demandas que se articulam aos objetivos característicos na área da saúde, uma vez que se apresentam de forma reiterada no cotidiano da sala de aula, sendo uma dimensão dos currículos envolvido com as atitudes, os comportamentos e os cuidados de si e dos outros.

Um dos casos que nos chamou atenção foi de uma aluna da etapa do ensino fundamental no segundo ano, a criança demonstra pouco ou às vezes nenhum interesse no conteúdo e na realização de exercícios do livro, mesmo em vários momentos a professora e os estagiários chamando a atenção durante a aula nada parece surtir efeito, a aluna não consegue focar

deixando os exercícios no livro inacabados, dessa forma acaba também por tirar a atenção de outros alunos.

Em um dia específico ela estava conversando, tirando a atenção da colega ao lado, chegando até mesmo a xingar, bater e falar alto, prestando atenção em várias coisas menos no livro que era o que a professora naquele momento estava passando para a turma, e quando conseguia focar, logo outra coisa parecia ser mais interessante, tentei falar com ela mas simplesmente ela se negou a me ouvir e o comportamento permaneceu o mesmo, chegou a falar que estava brincando com a colega ao lado, essa outra aluna parecia não gostar mas ao mesmo tempo fazia o mesmo com a diferença que depois de chamada a atenção ela passou a fazer o exercício.

Com o tempo fomos nos aproximando dessa criança e constatamos que ela escreve e lê super bem, e é uma aluna que aprende rápido, percebemos isso em exercícios práticos, perguntamos a ela o porquê de não querer fazer os exercícios do livro e ela respondeu que era muito chato e que não conseguia fazer os exercícios por muito tempo, esse caso ficou em nossa mente e ficamos pensando o que poderia ser feito.

Nesse caso, como fazer essa criança interagir mais com o livro e com os exercícios? Fica evidente que a criança vê o livro com desinteresse e acaba perdendo o foco por diversas vezes durante a aula.

Observamos também que essa aluna gosta muito de desenhar e nós estagiários começamos a desenhar com ela no final da aula, algo que virou rotina nos dias do estágio, com isso fomos conversando sobre diversas coisas e com essa aproximação na hora das atividades quando ela demonstrava desinteresse, ao conversar com ela era perceptível um maior foco por parte dela e uma maior aceitação a respeito do livro, não completa, mas houve uma melhora, desta forma avaliamos que a aproximação dos estagiários com essa criança de forma diferente gerou um efeito positivo, seguimos pensando em projetos e oficinas que podem beneficiar não só esta aluna mas sim a turma como um todo.

Outro caso que nos chamou atenção foi de um aluno que está no terceiro ano do ensino fundamental, o aluno se distrai facilmente em sala de aula, notamos isso ao ver que ele demora muito para copiar o que a professora coloca no quadro e o fato desta turma ser mais falante e agitada no último horário de aula ele acaba parecendo ainda mais distraído e tenta entender o que está acontecendo ao seu redor, além de ter outro fato que impede ele de não conseguir focar mais no conteúdo do livro pois mesmo estando no terceiro ano parece não ter desenvolvido a leitura e a escrita tão bem, não sabemos se é pela alta quantidade de informações dentro da sala ou se é por realmente possuir dificuldades na escrita mas quando

o aluno volta a focar no livro parece se perder na leitura, e ainda tem a parte da escrita que acontece a mesma coisa que na leitura, quando tentamos corrigir um pequeno erro em sua escrita alguém ao redor dele sempre fala que ele não sabe escrever, não sabe ler ou que é burro.

Em alguns dias em que a turma está mais agitada o aluno se distraí mais facilmente sendo difícil conseguir manobrar a situação para que ele preste atenção na matéria do livro e no que ele está escrevendo e acaba prestando mais atenção sobre o que está acontecendo no resto da turma ou no seu grupo de amigos, teve um dia onde a turma parecia estar mais calma, provável que mais cansada, e ele formou dupla com uma de suas amigas, a princípio parecia mais uma brincadeira e eles realmente não estavam prestando atenção na matéria porém me falaram o oposto afirmando que conseguiam escrever daquela forma pois um estava de frente para o outro, ali percebi que ele estava mais calmo, quando fui ajudar ele em uma das frases em que a palavra não estava escrita corretamente e só ia chamar sua atenção para o lado que a letra é escrita essa mesma aluna frente dele falou que ele não sabia escrever e era burro, ele logo ficou na defensiva, envergonhado falando que sabia escrever sim e logo depois não quis minha ajuda.

Acreditamos que isso seja um problema, um muro que é criado entre alguém que quer ajudar ele e um colega que o chama de burro e isso impede nossa aproximação para tentar ajudá-lo sem ele ficar na defensiva. Constatamos essa enorme distração em sala de aula que acaba tirando o foco da sua escrita e a deixa desleixada e ainda com a problemática de ter os amigos rebaixando ele vez ou outra por não ser o melhor na escrita, talvez uma atividade de escrita mais desenhada como a do grafite que é o projeto que no momento estamos desenvolvendo para a Escola Conde de Agrolongo Pudesse ajudar ele a se soltar mais e o fizesse até mesmo focar na escrita da letra, esta atividade não beneficiaria só ele, mas a turma por completo já que o objetivo é focar mais no desenho da letra de forma criativa.

Na Escola Estadual Paulo de Frontin, a bolsista PIBID/Artes Visuais Joyce Santos, que tem acompanhado as aulas em duas turmas do segundo ano do ensino médio, em uma dessas turmas, relatou ter percebido na interação entre os alunos, e nas maneiras como alguns se tratam, comportamentos depreciativos que me chamaram bastante sua atenção: Certa vez, durante uma aula, a mesma ouviu um aluno de pele preta fazer um comentário de ordem racista com outro colega de turma de pela preta.

A professora supervisora também ouviu a fala, que, aparentemente para eles foi proferida em tom de brincadeira, não de agressão (consciente), vale ressaltar. Adendo este, que não deixa o ocorrido menos preocupante. Como medida corretiva: a professora supervisora, chamou a

atenção dos alunos envolvidos, e a aluna bolsista, em tal posição de observação (a que foi delegada), se conteve às suas anotações, relatando tal ocorrido.

Referências Bibliográficas

BRASIL. *Lei N° 8.069*, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990.

BRASIL. *Lei N° 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DILMÉ, Dolores; FORRELAD, Missún; GRATACÓS, Rosa; OLIVER, Montserrat. Educação Artística: artes plásticas. In: ZABALA, Antoni (org.). *Como Trabalhar os Conteúdos Procedimentais em Sala de Aula*. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 79 - 106.